

O AMOR SOLITÁRIO NO MUNDO VIRTUAL: Influências do Capitalismo nas Relações Afetivas Contemporâneas

LONELY LOVE IN THE VIRTUAL WORLD: INFLUENCES OF CAPITALISM IN CONTEMPORARY AFFECTIVE RELATIONS

Allyson Darlan Moreira da Silva¹

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFRN)

<https://orcid.org/0000-0001-6268-3044>

Kelvis Leandro do Nascimento²

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFRN)

<https://orcid.org/0000-0003-4801-4455>

RESUMO

A sociedade atual é marcada pelo capitalismo artista (LIPOVETSKY e SERRO, 2015) que captura o imaginário do sujeito através de símbolos e imagens ideais. Ao transformar emoções, desejos e sensações em mercadorias vendidas em lotes, o capitalismo artista está intimamente ligado com o aumento do mal-estar nos sujeitos contemporâneos. No que diz respeito aos laços amorosos na pós-modernidade, fruto de análises de autores como BAUMAN (2005), COSTA (1998), GIDDENS (1993), já não estamos mais sob o império

hegemônico do amor romântico, nem podemos ser explicados apenas como produtores de um amor líquido. Neste artigo, propomos o termo “amor solitário” para tentar exemplificar as influências do capitalismo artista na produção do ideal amoroso na contemporaneidade. Fruto do individualismo exacerbado e do narcisismo extremo provocado pelo mercado, o amor solitário é o amor que se sente sozinho, em desamparo, sem conseguir estabelecer o vínculo que se espera.

Palavras-chaves: Capitalismo artista. Amor contemporâneo. Amor solitário.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN (PPgCS-UFRN). Jornalista, mestre pelo programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM-UFRN), e membro do Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura - MARGINALIA e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos - TIRÉSIAS.

² Cientista social, mestre e doutorando em Ciências Sociais no Programa e Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgCS-UFRN), professor substituto pelo Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da UFRN e membro do grupo Saúde, Gênero, Trabalho e Meio Ambiente (Sigma-UFRN).

ABSTRACT

The present society is marked by the artist capitalism (LIPOVETSKY; SERROY, 2015) that captures the imaginary of the subject through symbols and ideal images. By transforming emotions, desires, and sensations into commodities sold in batches, artist capitalism is closely connected with the increasing unease in contemporary subjects. In relation to the love links in postmodernity, as a result of analyzes by authors such as Bauman (2005), COSTA (1998), GIDDENS (1993), we are no longer under the hegemonic empire of romantic love, nor can we be explained only as producers of a net love. In this article, we propose the term “solitary love” to try to exemplify the influences of artist capitalism in the production of the amorous ideal in contemporaneity. Fruit of the exacerbated individualism and the extreme narcissism provoked by the market, solitary love is the love that feels alone, in helplessness, without being able to establish the bond that is expected.

Keywords: Capitalism artist. Contemporary love. Lonely love.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre as culturas e suas relações na produção das subjetividades do sujeito é uma empreitada sempre fascinante e cheia de possibilidades. Este artigo surge dos encontros realizados em decorrência da disciplina Teorias Contemporâneas da Cultura, ministrada no primeiro período de 2018. Como suporte teórico, referências como Bauman

(2001; 2013; 2016); Morin (1997; 1998); Sennett (1999); Han (2014); Agamben (2009); Baitello JR (2014); Lipovetsky e Serroy (2015), entre outros, nos auxiliaram a refletir sobre as questões mais latentes no contemporâneo.

Diante dessas reflexões, o que mais salta aos olhos é a inconstância do sujeito frente ao turbilhão de informações, de imagens, de ícones, de desafios e o mal-estar frequente, em uma época na qual não há mais padrões definidos com tanta rigidez, a sociedade líquida, teorizada por Bauman, se apresenta cada vez mais problemática e pornográfica aos moldes de Han.

Os desejos sendo cotidianamente expostos e intensificados na sociedade do consumo rápido do prazer, novos espaços heterotópicos, agora digitais, como nos mostra Miskolci (2017), imagens que estendem sua relação e acabam por engolir o homem e ao mesmo tempo sendo por eles devorada e no meio disso, identidades em formação que tentam filtrar, por vezes sem sucesso, todas essas informações.

Nossa sociedade é a do mal-estar constante, do desamparo, da solidão em meio a milhares de amigos digitais, dos *likes* que são perseguidos como a própria vida, das imagens que servem não apenas para registrar momentos, mas também para passarem uma ideia de felicidade, de liberdade, de diversão, mesmo que a realidade seja um pouco diferente. Dentro desse arcabouço de possibilidades, gostaríamos de refletir aqui sobre os laços amorosos em meio a tudo isso. O amor é sempre tema recorrente nas reflexões diárias. Ele está nas novelas, nos filmes, nas propagandas comerciais de produtos e serviços, nos aplicativos de encontros, nas baladas do final de semana, nas mesas de café com os amigos, no pensamento das pessoas.

Não sabemos mais definir o que seja o amor, se é que um dia soubemos, mas é evidente que não podemos mais falar de um tipo de amor.

O amor romântico, hegemônico e modelo de contrato padrão para os relacionamentos até pouco tempo atrás, hoje sofre concorrência pesada. Apesar de ainda forte no mercado, enfrenta a disputa de outros tipos de amor, também sustentados pelo capitalismo, com eles, novas formas de relacionamentos são englobadas a cartilha de possibilidades e utilizadas para contemporâneos arranjos e contratos afetivos. O capitalismo é como coração de mãe, sempre cabe mais uns.

Para esta reflexão, algumas das referências já citadas são utilizadas como estratégias de pensamento, mas também adicionamos outras pertinentes ao tema proposto. Desse modo, pretendemos não responder e dar solução ao mal-estar do amor na atualidade, mas refletirmos sobre como o capitalismo opera nessas capturas do sujeito contemporâneo e, a partir daí, ajudar a refletir sobre como vivenciamos nossos desejos e afetos, como um cuidado de si. Esta análise tem como intuito demonstrar em quais estratégias estamos amarrados e se é realmente possível amar livre.

Propomos aqui, uma reflexão de amor condicionado pela indústria de consumo das imagens e de afetos, produtora de certo tipo de narcisismo, em que o ideal de cônjuge é recriado, agora não mais idealizado como o príncipe em seu cavalo branco como no amor romântico, nem tampouco no parceiro fluido de Bauman, mas sim no parceiro a imagem e semelhança de nós mesmos, o parceiro espelho.

Como na história de Narciso, o sujeito contemporâneo, que vende sua imagem feliz

e esbelta nas redes sociais, que luta para emplacar seguidores e ser *digital influencer*, só consegue pensar em alguém que tenha os mesmos critérios e a mesma influência que ele pensa ter. O amor solitário, portanto, seria essa forma de amar a si mesmo de tal forma que os vínculos amorosos passam a ser quase impossíveis, pois depende de outro que jamais existirá, uma vez que precisa refletir ao todo o reflexo do sujeito inicial.

O CAPITALISMO E A CAPTURA DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Os efeitos da globalização, da evolução dos meios de compartilhamentos de imagens e produtos nas redes sociais, da produção em massa e global de mercadorias e da proliferação de mercadorias que mais funcionam como ícones de estilos de vida suscitam a problemática deste artigo. A investida do capitalismo nas subjetividades já foi e é fruto de investigação de diversos intelectuais sensíveis às mudanças ocorridas na identidade dos indivíduos em todo o mundo.

No Brasil, Suely Rolnik problematiza as novas constituições da identidade dos sujeitos a partir das investidas cada vez mais eficazes do capitalismo de mercado e mais atualmente, do capitalismo financeiro global. As sensações, os desejos, o erotismo, as sexualidades e a felicidade, entre outros, hoje, são mercadorias acessíveis aos mais rápidos toques ou curtidas numa dessas páginas de compartilhamento de imagens e venda de produtos. Ao referir-se às micropolíticas, campo em que atua fortemente, Rolnik (2015, p. 04) aponta um paralelo entre a destituição dos governos de esquerda na América Latina e uma nova

estratégia política do capitalismo no que ela denomina como versão “financeirizada, neoliberal e globalitária”, mais ainda, Rolnik observa a total impotência das esquerdas em reagirem a esse cenário. Diferentemente das tomadas de poder baseadas em golpes militares e na base da força, hoje, o capitalismo opera pela “força vital que move a existência individual e coletiva” Rolnik (2015, p. 04).

Trata-se de uma estratégia micropolítica do poder que, apesar de não ser nova, na presente etapa do regime capitalista ganha um lugar central e se refina, assim como se aprimora sua articulação com a tradicional estratégia macropolítica. O imaginário das esquerdas não abarca a dimensão micropolítica, e, sendo assim, não tem como decifrar a estratégia de poder do capitalismo financiarizado globalitário, e muito menos combatê-lo (ROLNIK, 2015, p. 04).

Utilizando essa reflexão para abordar a noção de resistência, a autora sugere a reflexão de um modelo de democracia não apenas política, mas também econômica, social e cultural. Entretanto, Rolnik (2015) destaca a potência produtiva desse movimento de resistência, na medida em que não se vive o luto, nem melancolia, mas sim, uma nova forma de ativismo – principalmente entre jovens LGBT’s, negros e mulheres. Essa contraofensiva acaba por necessitar de novas organizações de identidades, ou seja, exigem dos sujeitos uma postura política identitária diferenciada.

Diante de tamanha problemática, Rolnik avalia as novas políticas do desejo produzidas dentro dessas micropolíticas de resistência, das quais destaca duas vertentes amplamente distintas, mas que conversam em determinados momentos. A autora fala

então de dois movimentos: o puramente ativo e o puramente reativo, evidenciando, porém, que não há nenhuma micropolítica em seu estado puro, mas sim, que estamos frequentemente oscilando em várias, a diferença das duas vertentes é, basicamente, que a primeira se sustenta dentro do âmbito do desconforto constante da atualidade, a “ação desejanste, neste caso, consistirá num processo de criação que, orientado pelo poder de avaliação dos afectos (o saber do corpo) irá materializá-los em imagem, palavra, gesto, obra de arte, modo de existência ou outra forma de expressão qualquer” (ROLNIK, 2015, p. 04). O segundo exemplo, a micropolítica reativa, se desenvolve a partir da “desativação da potência” que o corpo dispõe e torna o saber-do-corpo algo inacessível, consolidando um tipo de subjetividade que não se sustenta fora da experiência do sujeito consigo mesmo. Uma micropolítica do sujeito para o sujeito. A autora, então, trabalha com o termo “antropo-falo-eco-logocêntrica”, quando o horizonte de atuação possível começa e termina no sujeito.

Essa definição se torna interessante, na medida em que adentramos na proposta de discussão deste artigo. Ao invadir os afetos e transformá-los em mercadorias acessíveis e, além disso, reconfigurar as identidades obrigando-as a se refazerem, o capitalismo financeiro, atrelado às novas formas de vivência do amor, acaba por criar laços cada vez mais fechados em si mesmos, melhor dizendo, os vínculos afetivos amorosos acabam por se estabelecerem. Na sociedade narcísica na qual vivemos, os ideais de relacionamentos fundamentam-se não mais no propósito de amor romântico, nem tampouco

na facilidade de relações líquidas,³ mas sim em uma espécie de amor solitário, criado, idealizado e vivenciado pelo sujeito com ele e para ele próprio.

Uma experiência de amor que não se sustenta na multiplicidade das relações do âmbito das micropolíticas ativas, como defendidas por Rolnik, apenas nas micropolíticas reativas, está, por sua vez, impossibilitada de ser vivenciada pela experiência múltipla e diversa. Dito de outro modo, a subjetividade vive uma tensão entre essas duas experiências como uma ameaça de autodesagregação.

Dessa perspectiva, só restam à subjetividade duas escolhas para interpretar a causa de seu mal-estar: seja uma suposta deficiência de si mesma, o que transforma o mal-estar em sentimentos de culpa, inferioridade e vergonha, seja a maldade que lhe estaria sendo supostamente dirigida por alguém de seu entorno, o que transforma seu mal-estar em ódio e ressentimento. O desejo é então convocado a recobrar um equilíbrio apressadamente e o faz orientado por uma bússola moral, cuja agulha se situa numa cartografia preexistente, na qual a vida se encontra materializada naquele momento. Ela conduz o desejo na direção do rastreamento de formas de existir que compõem tal cartografia – com suas imagens, narrativa e objetos – para que a subjetividade possa consumi-las de modo a se refazer rapidamente um contorno reconhecível e se livrar de sua angústia (ROLNIK, 2015, p. 18).

³ BAUMAN (2001; 2004) – O autor considera que a pós-modernidade reestabeleceu as relações amorosas na atualidade e, hoje, essas relações se tornaram fugazes e instantâneas, fruto de uma aceleração e de certa ansiedade do sujeito em satisfazer suas necessidades na mesma velocidade em que adquire uma mercadoria ou diferentes bens de consumo de mercado.

Como bem destaca Rolnik, ao entrar em contato com certo mal-estar, o sujeito recorre a uma cartografia preexistente baseada nas imagens, narrativas e objetos. Essa questão nos leva a refletir sobre o que o filósofo francês Gilles Lipovetsky entende por capitalismo artista – teórico da hipermodernidade –, o filósofo considera a atual fase da sociedade de mercado como produtora de um tipo de fixação pela arte ou uma arte dependente das relações de mercado. Segundo o autor, “à medida que o campo da arte se autonomiza, os artistas reivindicam uma liberdade criadora [...] uma emancipação social dos artistas bem relativa, na medida em que é acompanhada por uma dependência de novo tipo, a dependência econômica das leis de mercado” (LIPOVETSKY e SERROY, 2015, p.16).

Baitello (2014) afirma que vivemos na era da iconofagia que, segundo ele, se refere ao processo em que ora as imagens devoram os homens, ora são devoradas por eles. Salienta ainda que haja uma proliferação desequilibrada das imagens que causam uma crise, pois a absorção de signos e símbolos – muitas vezes inapropriados, perigosos e corrosivos – aprisiona o homem em ideais não palatáveis, inviáveis, o que dá uma noção de possibilidade que na verdade não há.

Além disso, a reprodução desordenada dessas imagens no espaço público cria um fluxo de superexposição que pouco contribui, mas que denota uma visibilidade extrema. Outro ponto dessa superexposição está no tratamento dessas imagens como sínteses sociais com papéis construtivos ou destrutivos, pois corporificam valores, criam laços e referências difusas entre os homens e suas origens históricas e culturais.

Interessante notar que a reflexão trazida por Baitello conjuga diretamente com

o que Byung-Chul Han chama de sociedade da transparência que, em sua fase pornográfica, resulta numa visibilidade sem precedentes. Em tempos de redes sociais, em que um conteúdo pode ser acessado por diferentes pessoas no mundo, ao mesmo tempo que isso aproxima as pessoas que vivem em distâncias mais longas, torna necessário observar a lógica operacional do capitalismo neoliberal em sua escala global que tende a homogeneizar as diversas culturas, ou como diz o autor: “o advento das imagens repetidas e idênticas que se distribuem no espaço público inaugura o trânsito das imagens em superexposição à luz” (HAN, 2014, p.19).

Inaugura-se, com esse fluxo, também sua transitoriedade, que por sua vez abre um vazio. E o correspondente déficit emocional produzido por sua ausência faz com que novas imagens sejam geradas para suprir a sensação do vazio e iludir a sua transitoriedade por meio de novas transitoriedades.

É como a alegoria da caverna, descrita por Platão, em *A república*, na qual um grupo de homens acorrentados vive no fundo de uma caverna tendo a visão apenas de uma parede em que são projetadas sombras, as quais eles consideram como a única realidade. Essa metáfora refere-se ao modo de acesso às informações (conhecimento) pelo homem. O que acontece com os prisioneiros na caverna assemelha-se ao comportamento atual, basta substituir as sombras por qualquer meio mediático destinado às massas. Elas desempenham o papel de projeção de algumas “sombras” do real que tomamos como verdades únicas.

Se pensarmos como Foucault (1987), nem estamos acorrentados, como diz Platão, nos submetemos a essas sombras na sociedade, que os indivíduos colocam a serviço de

uma autoridade suprema, para manter determinada ordem pública. Han, por sua vez, fala de fenômenos sociais e cibernéticos que consolidam a sociedade contemporânea com um regime de controle cujo reflexo imediato é a cultura da exibição, da desritualização e da nudez.

Birman (2014) questiona o sujeito contemporâneo, entendendo-o na substituição de signos na qual desvela a própria modernidade. Para o autor, o contemporâneo aparece como a exacerbação e exaltação da individualidade narcisista e da sociedade do espetáculo. De maneira que o sujeito contemporâneo se utiliza não apenas da televisão para mostrar a si mesmo, mas também as mídias sociais – Instagram, Youtube, Facebook etc –, uma vez que essas possibilitam não apenas que consumamos, mas também que possamos produzir e nos sentir incluídos nesse processo de exibição.

O AMOR NARCÍSCO SOLITÁRIO: O CAPITALISMO DAS IMAGENS E OS NOVOS ÍCONES NA SOCIEDADE PORNOGRÁFICA

O contemporâneo é palco de intensas transformações e fonte de surpresas constantes para o sujeito, “onde quase tudo se revela de maneira imprevisível e intempestiva, o efeito mais evidente disso, no sujeito, é a vertigem e a ameaça do abismo” Birman (2014, p. 01). Tal ambiente gera incertezas constantes no modo de vida desses sujeitos, pois o campo atual de possibilidades de vivências está totalmente diferente do vivido nas gerações anteriores.

Para Birman (2014), há uma perda dos ideais românticos idealizados pela revolução francesa, de modo que, a psicanálise perde sua utilidade em suprir as carências humanas e afastá-los do mal-estar no que ele chamou de “a queda do nome do pai” (BIRMAN, 2014, p. 55). Como resultado, o sujeito transforma sua essência em aparência onde o desempenho de si subjugua às demais modalidades da construção de suas subjetividades. Esse sujeito, que sofre, em meio a seus circuitos pulsionais, apresenta um mal-estar de modo solipsista e não como sofrimento.

Dos diversos capítulos nos quais estão divididos o livro de Birman, o capítulo sete, sobre o vazio no existir, salta aos olhos na medida em que avalia o mal estar das intensidades, “pode-se compreender facilmente, no registro das intensidades, a incidência imediata do excesso, que se apresenta como afetação e se expressa como sentimento” (BIRMAN, 2014, p.96).

Ou seja, a incidência imediata desse excesso todo no psiquismo dos sujeitos se apresenta como sofrimento antes de tudo. Esse excesso de intensidades causa uma crise de valores. Bem como Birman, outro psicanalista pactua das mesmas ideias, Jurandir Freire da Costa, em *O vestígio e a aura* (2005), afirma que “o processo de globalização econômica enfraqueceu as tradicionais instâncias doadoras de identidade, como a família, a religião, o trabalho, a ideia de Bem comum etc”. (COSTA, 2005, p. 185).

Basear a identidade no narcisismo significa dizer que o sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si. Ou seja, o “que se é” e o “que se pretende ser” devem caber no espaço da preocupação consigo. Família, pátria, Deus, sociedade, futuras gerações só interessam ao narcisista como instrumentos

de autorealização, em geral entendida como sucesso econômico, prestígio social ou bem-estar físico e emocional. O hedonismo, por sua vez, é um efeito desta dinâmica identitária. O narcisista cuida apenas de si, porque aprendeu a acreditar que a felicidade é sinônima de satisfação sensorial. Assim, o sujeito da moral hodierna teria se tornado indiferente a compromissos com os outros – faceta narcisista – e a projetos pessoais duradouros – faceta hedonista. O sentido da vida deixou de ser pensado como um processo com finalidades em longo prazo e objetivos extrapessoais (COSTA, 2005, p. 185-186).

Essa nova forma de controle social, a da produção de identidades uniformes, é apresentada como uma tentativa, por vezes vitoriosa, de reduzir as diferenças entre os sujeitos, moldando comportamentos e interferindo nas sociabilidades. Os algoritmos presentes nas redes sociais digitais são capazes de prever tendências e reações, reproduzindo e requalificando através do bombardeio de imagens e criando identidades dóceis, formando uma comunidade global unitária. A tendência é a divisão das massas, transformando-as num conglomerado de dados acessíveis para o mercado. Nesse sentido, trazendo a crítica do que chamou de “inferno do igual”, Han nos apresenta a partir de suas reflexões a sociedade da transparência na qual a visibilidade está presente nas mais diversas etapas da vida humana. Parece-nos muito importante salientar que o autor também fala em uma sociedade do descarte, como se as mercadorias perdessem muito rápido seu valor e – não se referindo apenas ao seu valor de uso –, mas também ao seu valor simbólico, no que ele chamou de “alienação de si mesmo”, sendo esta, por sua vez, ultrapassada rapidamente por outra

mercadoria de valor superior, mesmo que com um valor imaginário.

Paralelamente a esse processo de descarte rápido, Han analisa que a atual sociedade não é, pois aquela do ataque à liberdade, aos costumes e à moral, mas sim, numa releitura do panóptico, a sociedade da superexposição na qual todos aceitam tornar público seus modos de vida e singularidades. A sociedade da transparência condena o segredo e o privado. Para viver é preciso mostrar que viveu fazendo o uso, por exemplo, das redes sociais para mostrar uma viagem, um namorado novo, uma promoção no emprego etc. Se não está visível – nas redes sociais – não se viveu. “A transparência é uma coação sistêmica que se apodera de todos os fatos sociais e os submete a uma transformação profunda” (HAN, 2014, p. 12).

CONCLUSÃO

O capitalismo, a partir da revolução tecnológica que possibilita o compartilhamento rápido de conteúdos através da Internet, investe de maneira progressiva no controle das subjetividades resultando num processo de colonização das identidades dos sujeitos.

As sensações, os afetos, o erotismo, as sexualidades e a felicidade se tornam mercadorias disponíveis no arcabouço dos produtos oferecidos pelo mundo. Algoritmos,meticulosamente programados, acumulam dados de acessos, tendências de consumo, práticas sociais, gostos e mapeiam possíveis consumidores colocando tudo ao deleite do mercado.

Ao invadir os afetos e transformá-los em objetos de mercado, a imagem se torna a locomotiva de uma nova forma de

subjetivação. A era da iconofagia, tentáculo forte do chamado capitalismo artista, reinventa identidades e expõe os sujeitos a uma constância de mal-estar nunca resolvidos.

Na sociedade da imagem e dos ícones, somos condicionados a exercer nosso máximo potencial narcisista pois, como diz Rolnik (2015), “somos antrope-falo-ego-logocêntricos”, ou seja, todas as ações resultam em resultados para nós mesmos. Vivenciamos nossa mais latente cultura do narciso. Nos tornamos figuras públicas pela visibilidade constante das redes sociais que mais se parecem com o terreno das múltiplas possibilidades, geradoras de um encantamento incapaz de ser efetivado na vida social que corre por fora delas.

Em meio a isso, a experiência do amor adquire diversas formas. Além do tipo romântico de relacionamento – que ainda persiste resguardado pelo mercado – outras formas de pactos amorosos são também possíveis no seio do capitalismo. Com a proliferação exacerbada das imagens como novas estruturas sociais, o sujeito se vê cada vez mais perdido em meio a informações do mundo todo.

O individualismo e a necessidade de acompanhar as tendências propagadas pelo *marketing* obrigam o sujeito a se reinventar identitariamente, na mesma velocidade com que novos produtos aparecem e roubam a cena. Somos Um no real e Um no virtual, mas ao mesmo tempo, somos os dois em nossas subjetividades atordoadas. Essa transitoriedade constante abre lacunas impossíveis de serem respondidas, pois as imagens vendidas nas redes são imagens idealizadas, que servem ao propósito do consumo.

Mergulhado no mal-estar e na excitação, o indivíduo busca um par romântico que desenvolva todas as habilidades propagadas

pelos ideais de amor da sociedade de mercado, mas, além disso, deve refletir à sua própria imagem, como no conto de Narciso. Ao conseguir algum vínculo, a sociedade pornográfica exige a visibilidade desse feito romântico, o que acaba por gerar uma série de expectativas que não se sustentam, inclusive com o término desses vínculos. A cultura narcísica não desenvolve a alteridade, mas sim o sujeito que anseia por se tornar visível e adorado.

Nesse sentido, incapaz de produzir uma relação empática com os seus parceiros amorosos, o indivíduo só consegue vivenciar a experiência do amor a si mesmo, o amor solitário. Incapaz de afastar a solidão, as sensações de vazio e de abandono são constantes.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Chapecó: Argos Editora, 2009

BAITELLO JR., N. **A era da iconofagia:** reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014. Parte I: A comunicação, a violência e seus dialetos. P. 19-93.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **Amor líquido.** Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Babel:** entre a incerteza e a esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura:** corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico** (5 ed.). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1914-1916. 225 p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** o nascimento da prisão. Tradução Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HAN, B. C. **A sociedade da transparência.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A estetização do mundo – viver na era do capitalismo artista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose.** Tradução Maura Ribeiro Sardinha. 1. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, 202 p.

MORIN, E. **O método 4: as ideias, habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 1998.

ROLNIK, S. **A hora da micropolítica.** Tradução Josy Panão. Madri: Edições, 2015. 30 p.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.